

**29.05.2026**

21:30 sala suggia

# **Orquestra Sinfónica**

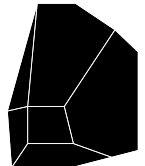
## **do Porto Casa da Música**

**Sebastian Zinca** direção musical

**Sean Shibe** guitarra

**Alice Brandão** guitarra

casa da música



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Emmanuel Chabrier**

*Habanera* (1885; c.4min)

## **Heitor Villa-Lobos**

Concerto para guitarra e orquestra (1951; c.20min)

1. Allegro preciso
2. Andantino e andante – Cadência
3. Allegro non troppo

## **Joaquín Rodrigo**

*Concierto de Aranjuez* (1939; c.20min)

1. Allegro con spirito
2. Adagio
3. Allegro gentile

INTERVALO

## **Mark Simpson**

*ZEBRA (or, 2-3-74: The Divine Invasion of Philip K. Dick)*,

para guitarra elétrica e orquestra (2025; c.25min)\*

1. Pink Beams of Light from God in the Gutter
2. Horselover Fat's Hymn of the Soul –
3. Firebright

\* Estreia nacional.

## Dias da Guitarra

Se há instrumento que personifica a diluição de fronteiras entre o erudito e o popular, esse instrumento é a guitarra. Ao longo da sua história foi por vezes negligenciada no que diz respeito à música de concerto, mas o seu apelo popular nunca se perdeu. Apesar de tudo, existem numerosas obras escritas para a guitarra (e os seus antepassados) no Renascimento, no Barroco e no Romantismo, só para mencionar os períodos canónicos da história da música europeia até ao século XIX, mas foi o século XX que trouxe a sua aceitação nas salas de concerto. E isso aconteceu, em larga medida, graças a virtuosos espanhóis que revolucionaram a prática e o repertório do instrumento, entre os quais se destacaram figuras como Regino Sainz de la Maza, Miguel Llobet e, sobretudo, Andrés Segovia. Foi sob a inspiração de Segovia que o brasileiro Heitor Villa-Lobos escreveu uma parte importante da sua obra (ela própria oscilando entre as referências eruditas e populares) para guitarra. A verdade é que, nas suas mais diversas variantes, este continua a ser um instrumento favorito da música popular, enquanto produz, em simultâneo, cada vez mais virtuosos nos palcos de concerto. Um instrumento que nunca poderá esquecer o seu apelo popular e, talvez por isso, será sempre vítima de alguma desconfiança dos seus pares mais sisudos nos círculos eruditos. O que faz lembrar o vaticínio de Vinícius de Moraes, segundo o qual a guitarra é não só «a música em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina,

o único que representa a mulher ideal». Em tom provocatório, poderíamos dizer que o ideal gera sempre desconfiança.

O presente concerto da Orquestra Sinfónica faz parte do festival *Dias da Guitarra*, que começou no passado dia 26 com as novas abordagens dos In.dia ao duo de guitarra portuguesa com guitarra clássica, e se estende até ao dia 31. A programação traduz o fio condutor desta temporada da Casa da Música, *Raízes/Ressonâncias*, que promove a convivência entre as músicas eruditas e as populares. Amanhã apresenta-se a Orquestra Portuguesa de Guitarras e Bandolins, tendo como solista convidado o grande virtuoso da música popular brasileira Yamandu Costa; após a maratona de guitarristas que preenche os próximos dois dias, a noite de domingo evoca a cultura tuaregue na guitarra de Bombino.

O programa desta noite é um claro exemplo dessa mistura de raízes que conduz a programação da temporada. Dos ecos do *cante jondo* andaluz no célebre *Concierto de Aranjuez*, de Rodrigo, ao sempre presente universo das sonoridades populares brasileiras em Villa-Lobos — compositor celebrado nesta Casa ao longo de 2026, através da integral das *Bachianas Brasileiras* e outras obras importantes do seu vasto legado. Das impressões orquestrais de um compositor francês sobre os ritmos de dança espanhóis, ao novo concerto de Mark Simpson que elege para o papel de solista o instrumento, quiçá, mais emblemático das músicas populares urbanas da segunda metade do século XX: a guitarra elétrica.

# Emmanuel Chabrier

## Habanera

Exuberante, espirituoso e imprevisível – Vincent d'Indy chamou-lhe o «Anjo do Cómico» –, o compositor e pianista francês Emmanuel Chabrier (1841-1894) teve uma trajetória pouco convencional. Durante dezoito anos trabalhou no Ministério do Interior francês, numa carreira administrativa imposta pela família, antes de assumir plenamente a vocação musical. Este ponto de viragem dá-se em 1879, após a audição de *Tristão e Isolda*, de Wagner. Nos anos seguintes, Chabrier afirmaria uma escrita singular no panorama francês, a meio caminho entre o Romantismo tardio e as inovações de Debussy e Ravel.

A *Habanera*, que abre este programa, surge em 1885, num momento de maturidade artística e de reconhecimento crescente, pouco depois do enorme sucesso da rapsódia *España*. Estas obras refletem o encantamento de Chabrier pelo país, que visitara em 1882 e que o impressionara pelos ritmos populares, pelas danças andaluzas e pela vitalidade do ambiente musical. Nascida do fascínio francês pela Espanha típico do período, a *Habanera* não se orienta pela ideia de autenticidade folclórica. Filtrada pela imaginação parisiense, a Espanha de Chabrier é mais evocação e impressão do que registo.

Escrita originalmente para piano, a peça, na versão orquestrada depois pelo próprio

compositor, estreou em 1888, em Angers, num festival inteiramente dedicado à sua música, sob a sua direção. Embora recebida por parte da crítica como uma «miniatura elegante de salão», viria a revelar-se influente para gerações posteriores. Ravel via em Chabrier um dos grandes renovadores da linguagem musical francesa, e a *Habanera* antecipa, em vários aspetos, o espanholismo estilizado que (res)surgirá em Debussy (*La soirée dans Grenade*) e no próprio Ravel (*Rapsodie espagnole*).

A peça desenvolve-se num andamento lento, estruturado em forma A-B-A-C, sobre o ritmo característico da habanera. Chabrier transforma esse padrão numa pulsação simultaneamente estável e flexível, oscilando entre a rigidez da dança e momentos de maior fluidez, marcados por tercinas e por subtis variações métricas em torno do 6/8, o que favorece uma leitura livre do *rubato*.

Do ponto de vista harmónico, a obra é surpreendente para o seu tempo: o uso de sétimas e nonas sem preparação tradicional, de ambiguidades tonais e de encadeamentos inesperados antecipa a linguagem impressionista francesa. A escrita pianística, perceptível mesmo na versão orquestral, preserva uma nitidez particular de planos e cores, explorando diferenças de timbre entre camadas instrumentais com grande subtileza.

## Heitor Villa-Lobos

### Concerto para guitarra

Heitor Villa-Lobos (1887-1959) foi uma das figuras mais singulares da música do século XX. Compositor, maestro, educador e violoncelista, cultivou ao longo da vida uma imagem quase mítica de si próprio – alimentada por relatos nem sempre fiáveis –, apresentando-se como um criador moldado pela energia do Brasil. A sua formação é feita de contrastes: o convívio com os chorões cariocas, o trabalho em orquestras de teatro e sinfónicas, e as viagens pelo interior do país, onde contactou com práticas musicais muito diversas. Essa experiência múltipla viria a marcar profundamente a sua linguagem.

Em Paris, na década de 1920, afirmou-se como uma voz independente no modernismo musical, circulando em meios onde conviviam Ravel, Stravinski e Rodrigo. Embora tenha escrito abundantemente para piano, é sobretudo associado à guitarra – instrumento que aprendeu de forma autodidata, através de métodos europeus de Carulli, Sor, Aguado e Carcassi, e da prática viva do choro e da seresta no Rio de Janeiro, ao lado de guitarristas-boémios como Quincas Laranjeiras, Sátiro Bilhar e José Rebello, entre outros.

O Concerto para guitarra e orquestra nasce em 1951, já no final da vida de Villa-Lobos, num período de grande prestígio internacional, embora com a saúde fragilizada por um cancro agressivo. Resulta de uma encomenda de Andrés Segovia, de quem se tornara amigo desde um encontro em Paris, em 1924, num sarau

organizado pela escritora portuguesa Olga de Moraes Sarmiento.

Inicialmente concebida como *Fantasia Concertante*, a obra não incluía cadência solista. Segovia protestou, argumentando que se Villa-Lobos tinha escrito uma cadência para o seu concerto para harpa, a guitarra também a merecia. O compositor cedeu ao argumento, acrescentando a cadência e ajustando o título para *Concerto*.

A estreia ocorreu em 1956, em Houston, com Segovia como solista e Villa-Lobos na direção da orquestra da cidade estado-unidense. Desde os ensaios, porém, surgiu um problema delicado: o equilíbrio entre o volume da guitarra e o da orquestra. Armin da Neves d'Almeida (a «Mindinha», companheira e assistente do compositor) chegou a acrescentar sucessivos *p* nas dinâmicas da orquestra até *ppp*, para evitar que Segovia fosse abafado pela massa sonora. Villa-Lobos defendia o uso de amplificação, que permitiria maior liberdade para a orquestra, mas Segovia opunha-se.

O Concerto organiza-se em três andamentos ligados por uma cadência central. No primeiro, a guitarra não demora a surgir, no registo grave tão apreciado por Villa-Lobos. Um dos temas secundários evoca os maneirismos melódicos das canções do Nordeste brasileiro. O segundo andamento adquire um caráter mais introspetivo, próximo do universo das *Bachianas Brasileiras* – estudiosos identificam afinidades com o Prelúdio das *Bachianas n.º 4* e com os *Cinco Prelúdios* para guitarra. A cadência



funciona aqui como uma síntese da escrita de Villa-Lobos para o instrumento. O último andamento recupera a energia rítmica característica do compositor, com síncopas e padrões repetitivos que cruzam a tradição popular e o modernismo.

Apesar de nunca ter sido gravado por Segovia, o Concerto ocupa hoje um lugar importante no repertório da guitarra do século XX, ao lado das obras de Rodrigo e Ponce, afirmando o instrumento como solista no contexto sinfónico. Hoje, é uma das obras mais difundidas de Villa-Lobos — atrás talvez apenas de algumas das *Bachianas Brasileiras* —, tendo sido gravada por solistas como Julian Bream, John Williams, Pepe Romero, Turibio Santos, Fábio Zanon e Manuel Barrueco.

Já a ligação entre Villa-Lobos e Joaquín Rodrigo vai além de terem passado por Paris nas décadas de 1920 e 1930 e participado, naquele contexto, cada um à sua maneira, na afirmação internacional de identidades musicais locais. Rodrigo era um admirador de Villa-Lobos, tendo escrito a seu respeito na *Revista Musical Catalana*, da qual era crítico correspondente, destacando-o como uma presença marcante da vida musical parisiense, dono de grande força criativa e originalidade de linguagem. O autor do *Concierto de Aranjuez*, incluído neste programa, foi também testemunha (entusiasmada) de um dos momentos de consagração de Villa-Lobos em Paris: a apresentação do poema sinfónico *Amazonas*, em 1929, na Salle Gaveau.

## Joaquín Rodrigo

### Concierto de Aranjuez

Joaquín Rodrigo Vidre (1901-1999) tornou-se uma das figuras centrais da música espanhola do século XX, num equilíbrio muito próprio entre tradição, neoclassicismo e modernidade. Cego desde a infância devido a uma difteria, recusava qualquer forma de compaixão associada à sua condição. A perda da visão aguçou-lhe a imaginação auditiva: compunha em Braille e ditava depois a música, nota a nota, a copistas ou à sua mulher, Victoria Kamhi.

Após os estudos em Valência, instalou-se em Paris, onde trabalhou com Paul Dukas e consolidou uma linguagem própria, marcada pela clareza formal francesa e por uma forte ligação à tradição espanhola. Nos meios valencianos mais conservadores, chegou a ser visto como um *enfant terrible*, devido ao uso ousado de dissonâncias e harmonias pouco convencionais.

O *Concierto de Aranjuez* foi composto entre 1938 e 1939, em Paris, num período particularmente instável da história europeia. A Guerra Civil Espanhola tinha terminado recentemente e a Europa aproximava-se da Segunda Guerra Mundial. A ideia nasceu num almoço em San Sebastián, quando o guitarrista Regino Sainz de la Maza manifestou o desejo de apresentar um grande concerto espanhol para guitarra e orquestra. Rodrigo pôs mãos à obra e, ao escolher o título, fez referência aos jardins do palácio real, evocando uma Espanha de antigo esplendor, associada aos reinados de Carlos IV e Fernando VII.



JOAQUÍN RODRIGO (1935)

A estreia ocorreu em 1940, no Palau de la Música Catalana, em Barcelona, com Sainz de la Maza como solista e a Orquestra Filarmónica de Barcelona dirigida por César de Mendoza Lassalle. O sucesso foi imediato. Desde logo, o Concerto ultrapassou o universo da guitarra, tornando-se uma das peças mais emblemáticas da música espanhola do século XX.

Grande parte da originalidade do concerto reside no tratamento do equilíbrio entre guitarra e orquestra. Rodrigo falava de uma «orquestra de duralumínio», material usado na construção de aviões – suficientemente sólida para sustentar a arquitetura musical, mas leve o bastante para não cobrir o solista. Em vez de grandes massas sonoras, privilegia diálogos entre a guitarra e os instrumentos solistas de sopro.

O primeiro andamento, «Allegro con spirito», combina a estrutura clássica da forma sonata com procedimentos mais contínuos de desenvolvimento temático. Rodrigo elimina a tradicional dupla exposição orquestral e coloca de imediato a guitarra no centro da ação. Ritmos associados ao flamenco, como a *guajira* e as *hemiolas*, dão a cor local e funcionam como elementos estruturantes da construção musical.

O célebre «Adagio» tornou-se uma das páginas mais conhecidas da música do século XX. O tema principal, apresentado pelo corne inglês, desenvolve-se sobre uma textura rarefeita e introspetiva. Victoria Kamhi associou-o a um sofrimento recente do casal – um filho nado-morto –, mas para Rodrigo era uma espécie de oração austera, de carácter bachiano. A guitarra cria a ilusão de linhas longas através da

repetição subtil de notas curtas, compensando a impossibilidade física de sustentação sonora do instrumento.

O último andamento retoma o carácter dançante e luminoso da obra. A escrita torna-se mais leve, quase cortesã, reforçando a dimensão neoclássica do Concerto e a evocação de uma Espanha idealizada.

Ao longo do século XX, o *Concerto de Aranjuez* teve uma projeção sem paralelo no repertório para guitarra e orquestra. O «Adagio», em particular, ultrapassou os limites da música de concerto, sendo apropriado pelo jazz, pelo cinema e pela música popular – de Miles Davis a múltiplas versões vocais e instrumentais. Essa difusão extraordinária acabou por transformar a obra numa espécie de embaixadora sonora da identidade espanhola no mundo.

Em conjunto, estas obras propõem três formas distintas de pensar a Espanha e a cultura ibérica na música de concerto. Em Chabrier, ela dá-se como fascínio parisiense e fantasia sonora. Em Villa-Lobos, a guitarra prolonga, a partir do Brasil, uma tradição de origem ibérica, entretanto transformada pelo contacto com universos populares mestiços e pela experiência cosmopolita do compositor. Em Rodrigo, o instrumento ocupa de forma avassaladora o centro do palco sinfónico, unindo memória histórica, lirismo e tradição popular numa linguagem de forte alcance internacional.

---

Notas ao programa por Rodrigo Alzuguir  
(págs 5-9).

© 2026

# Mark Simpson

## ZEBRA

Zebra é Deus. Bem, pelo menos na mente do escritor norte-americano de ficção científica Philip K. Dick que, entre fevereiro e março de 1974 (daí 2-3-74), viveu uma avassaladora revelação mística que passou a dominar o seu pensamento até à morte.

Conta-se que, depois de uma estafeta lhe ter levado a casa uma medicação de rotina, o colar que usava começou subitamente a brilhar e a irradiar intensos feixes de luz cor-de-rosa. Esta experiência desencadeou uma série de visões e alucinações intensas, que incluíam deslocações no tempo e mensagens do Império Romano, visões hipnagógicas aterradoras, aparições de invasores com três olhos, novos pensamentos, sentimentos e comportamentos anómalos bizarros. Durante este período, Dick começou a sentir a presença de um ser espiritual à sua volta. Apercebia-se de movimentos pelo canto do olho e sentia-se observado. Mas a entidade camuflava-se constantemente, escapando à visão — daí o nome Zebra.

Dick tornou-se obcecado por Zebra e, ao longo da vida, passou a senti-la sob diferentes formas: uma entidade humanoide, Cristo, o Espírito Santo, um falso Deus. Passou os últimos oito anos da sua vida a tentar compreender as várias possibilidades do que Zebra poderia ser, numa vasta série de cadernos em forma de diário a que chamou *The Exegesis*.

O primeiro andamento da obra lança-nos diretamente na experiência 2-3-74 com uma explosão. Responde especificamente

à experiência física e mental total que esse momento poderá ter significado para PKD. Flautas erráticas esvoaçam sobre sonoridades belas das cordas para evocar um sentimento de paranoia que nos conduz ao primeiro *tutti*-Zebra: uma passagem orquestral densamente estratificada, com bateria oscilante e acordes vibrantes das cordas sobrepostos à intensidade dos metais e da guitarra elétrica. A música precipita-nos para um clímax rápido, seguido de imobilidade e calma.

O segundo andamento aborda de forma mais específica a dimensão espiritual da experiência 2-3-74: o confronto com «Deus». Acordes lentos e ondulantes das cordas acompanham melodias ansiosas da guitarra elétrica que ascendem em direção a grandes passagens orquestrais. O título refere-se ao facto de PKD usar «Horselover Fat» como alter ego nas suas obras tardias. («Philip» em grego = amante de cavalos; «Dick» em alemão = gordo.)

O terceiro andamento é uma resposta à própria entidade Zebra — a figura irrequieta, sempre escondida, mas constantemente presente. PKD chamou-lhe vários outros nomes: «Firebright» é um deles. Uma energia rápida e implacável conduz-nos ao clímax do andamento.

---

Nota do compositor Mark Simpson.

Tradução de Isabel Correia de Castro.

© 2025



MARK SIMPSON  
© KATJA FELDMER

## Sebastian Zinca direção musical



Sebastian Zinca dirige nesta temporada a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica Báltica Polaca, a Sinfónica de Navarra, a Filarmónica Banatul Timișoara, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Contemporânea do Festival de Lucerna, a Filarmónica da Várnia e Masúria, e a Real Filharmonía de Galicia.

Foi maestro assistente da Real Filharmonía de Galicia durante dois anos (2024 e 2025), durante os quais dirigiu trinta e quatro concertos com a orquestra, além de assistir o maestro titular Baldur Brönnimann.

Distiguído com a medalha de prata no Prémio Internacional de Direção Antal Doráti, em Budapeste, recebeu a bolsa Joan W. Harris no Festival de Música de Aspen. O seu mérito enquanto maestro e defensor da música contemporânea foi reconhecido pelo Festival de Lucerna que, após a sua participação na Academia do Festival de 2023, voltou a convidá-lo para orientar workshops e dirigir um concerto com a

orquestra contemporânea do festival, nos verões de 2024 e 2025.

Apaixonado por ópera, dirigiu três produções com a Academia Sibelius e uma com a Universidade das Artes de Berlim. Apresentou uma versão de concerto do IV ato de *La Bohème* com a Filarmónica de Grã-Canária e na Academia Europeia de Música Teplice, recebendo o prémio do Presidente pelo seu trabalho em *Così fan tutte*. No Teatro Real de Madrid, foi assistente de Mark Wigglesworth em *O Nariz*, de Chostakovitch.

Sebastian Zinca concluiu os seus estudos de direção de orquestra na Academia Sibelius, como aluno de Sakari Oramo, tendo também recebido orientação de Jorma Panula, Johannes Schlaefli, Nicholás Pasquet, Susanna Mälkki, Hannu Lintu e Péter Eötvös. Antes de se dedicar à direção, estudou contrabaixo na Juilliard School.

Nasceu em Miami, na Florida, filho de pais da Roménia e do Peru.

## Sean Shibe guitarra



Sean Shibe é uma força inovadora da música clássica contemporânea. A temporada 2025/26 marca a estreia mundial do concerto para guitarra elétrica *ZEBRA*, de Mark Simpson, nos BBC Proms de 2025; a primeira colaboração com a Sinfónica de Londres sob direção de Thomas Adès; uma residência no Southbank Centre, incluindo a estreia com a Philharmonia Orchestra dirigida por Marin Alsop; uma residência na Casa da Música; e digressões na Europa e EUA. Estreia ainda obras de Tyshawn Sorey, Poul Ruders, Carola Bauckholt e Ben Nobuto.

Dos compromissos recentes, destaque para uma residência no Wigmore Hall, uma digressão pelo Reino Unido com o violinista folk Aidan O'Rourke; colaborações com a meio-soprano Ema Nikolovska e o tenor Karim Sulayman; estreias em Xangai e Hong Kong; e uma digressão australiana com a Orquestra de Câmara da Austrália.

Encomenda obras e trabalha diretamente com compositores contemporâneos. Fez

estreias de Thomas Adès, Oliver Leith, Cassandra Miller, Sasha Scott, Daniel Kidane, David Fennessy, Shiva Feshareki, David Lang, Freya Waley-Cohen, James Dillon e Mark Simpson. *Vesper*, disco de 2026 editado pela Pentatone, inclui primeiras gravações mundiais de obras de Thomas Adès, Harrison Birtwistle e James Dillon. Interpreta também as suas transcrições das suítes para alaúde de Bach e de manuscritos escoceses para alaúde do século XVII. Os seus discos têm merecido a aclamação da crítica, com diversos prémios e nomeações.

Shibe estudou no Conservatório da Escócia com Allan Neave, na Universidade das Artes de Graz e em Itália, com Paolo Pegoraro. É professor de guitarra na Guildhall School of Music and Drama. Foi BBC New Generation Artist, bolsheiro da Borletti-Buitoni Trust em 2012, vencedor do Royal Philharmonic Society Young Artist Award em 2018 e do Prémio Leonard Bernstein 2022, e ECHO Rising Star na temporada 2023/24.

## Alice Brandão guitarra



Alice Brandão iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Bonfim e posteriormente no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, em Braga, onde concluiu os primeiros oito anos de formação em guitarra clássica com Rui Gama. Na Haute École de Musique de Genève, concluiu a licenciatura em Música, com Dusan Bogdanović, e mestrados em Performance e Ensino, na classe de Judicaël Perroy.

Apresentou-se a solo em diversos contextos internacionais, incluindo o Festival Internacional de Guitarra de Lagoa e o Festival Guitare en Alpes, em França. Em 2022, interpretou o *Concierto de Aranjuez* de Rodrigo com a Orchestre de Chambre de Bienne, na Suíça, dirigida por Beda Mast. Participou na produção da ópera *Die sieben Todsünden* de Kurt Weill, com a Orchestre de Chambre de Genève e Marc Leroy-Catalayud, ao lado das solistas Marina Viotti e Judith Chemla (Victoria Hall de Genebra e Théâtre des Champs-Élysées de Paris).

Em 2020, Dusan Bogdanović escreveu e dedicou-lhe a *Suite des Rêves II*, obra gravada para a plataforma Guitar by Masters.

Integra o Daniyah Guitar Duo ao lado de Maja Kralj, com uma grande atividade internacional que já soma mais de 40 concertos na Europa e na América do Sul. O duo foi distinguido com o 2.º prémio no Guitar Foundation of America – International Ensemble Competition (2025), o 1.º prémio no Altamira Gorizia Guitar Competition (2025), o 1.º prémio no La Follia Nuova International Chamber Music (2024), entre outros. O duo está a preparar a gravação do seu primeiro álbum para a JSM Records, que incluirá uma nova obra de Sérgio Assad.

Paralelamente, desenvolve uma atividade pedagógica regular no Conservatoire de Musique, Danse et Théâtre de Genève, bem como em projetos e masterclasses internacionais, nomeadamente na Universidade de Aveiro e na Universidade Federal da Bahia (Brasil).

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

O projeto artístico da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música assenta em dois pilares: a exploração do grande repertório sinfónico e um forte compromisso com a música dos nossos dias, através de colaborações estreitas com compositores contemporâneos e da apresentação de novas obras, partilhando o palco com prestigiados maestros e solistas. Mantém uma forte ligação à comunidade através de concertos para famílias, ensaios abertos e uma presença regular em vários municípios da Área Metropolitana do Porto. A sua discografia premiada centra-se no repertório português e nos compositores dos séculos XX e XXI.

A nova temporada da Orquestra Sinfónica move-se sob o tema Raízes/Resonâncias, explorando a forma como os compositores se inspiraram nas suas heranças culturais. O ciclo central é dedicado a Heitor Villa-Lobos, destacando-se a série *Bachianas Brasileiras* e a epopeia sinfónica *Floresta do Amazonas*, num concerto

que alia a música a uma criação visual da artista Bianca Dacosta, Artista em Residência. A retrospectiva dedicada ao Compositor em Residência permite conhecer a música fascinante de Hèctor Parra, incluindo obras que desafiam os formatos tradicionais. A programação vê-se enriquecida ainda com a integral dos Concertos de Brahms, célebres concertos para piano e para guitarra e um largo número de maestros e solistas convidados. Além do grande repertório sinfónico, apresentam-se propostas que expandem o horizonte da Orquestra, com pontes para o cinema, o universo dos videojogos, o jazz ou a criação visual em tempo real.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

**VIOLINO I**

José Pereira\*  
 Maxence Mourìès  
 Emília Vanguelova  
 José Despujols  
 Ianina Khmelik  
 Jorman Torres  
 Vadim Feldblioum  
 Tünde Hadadi  
 Evandra Gonçalves  
 Alan Guimarães  
 Andras Burai  
 Mariana Cabral\*  
 Pedro Carvalho\*  
 Inês Cruz\*

**VIOLINO II**

Nancy Frederick  
 Karolina Andrzejczak  
 Pedro Rocha  
 Tatiana Afanasieva  
 Lilit Davtyan  
 Mariana Costa  
 Catarina Martins  
 José Paulo Jesus  
 Domingos Lopes  
 Paul Almond  
 Nikola Vasiljev  
 Raquel Santos\*

**VIOLA**

Mateusz Stasto  
 Hazel Veitch  
 Biliana Chamlieva  
 Luís Norberto Silva  
 Rute Azevedo  
 Ana Teresa Alves  
 Emília Alves  
 Anna Gonera  
 Maria Almeida\*  
 Rita Barreto\*

**VIOLONCELO**

Nikolai Gimaletdinov  
 Vicente Chuaqui  
 Feodor Kolpachnikov  
 Hrant Yeranossyan  
 Sharon Kinder  
 Aaron Choi  
 Michal Kiska  
 João Cunha

**CONTRABAIXO**

Rui Rodrigues  
 Florian Pertzborn  
 Joel Azevedo  
 Nadia Choi  
 Altino Carvalho  
 Slawomir Marzec

**FLAUTA**

Ana Maria Ribeiro  
 Angelina Rodrigues  
 Alexander Auer

**OBOÉ**

Roberto Henriques  
 Telma Mota\*  
 Filipa Vinhas\*

**CLARINETE**

Carlos Alves  
 Frederic Cardoso\*  
 João Moreira

**FAGOTE**

Cândida Nunes  
 Maria Martins\*  
 Vasily Suprunov

**TROMPA**

Nuno Vaz  
 Hugo Carneiro  
 Eddy Tauber  
 José Bernardo Silva

**TROMPETE**

Ivan Crespo  
 Luís Granjo  
 Rui Brito

**TROMBONE**

Dawid Seidenberg  
 Fabián Llácer Giner\*  
 Nuno Martins

**TUBA**

Sérgio Carolino

**TÍMPANOS**

Jean-François Lézé

**PERCUSSÃO**

Bruno Costa  
 Paulo Oliveira  
 Nuno Simões  
 André Dias\*

**HARPA**

Ilária Vivan

**PIANO**

Elsa Silva\*

**SINETIZADOR**

Raquel Cunha\*

\*instrumentistas convidados

**OPERAÇÃO TÉCNICA**

André Silva (palco)  
 José Vilela (palco)  
 Rui Brito (palco)  
 Victor Resende (palco)

## PRÓXIMOS CONCERTOS

**30+31.05 sábado+domingo**

10:00 – 16:30 vários espaços

### **MARATONA DE GUITARRISTAS**

Recitais de guitarra por alunos de Escolas Vocacionais de Música  
Exposição de instrumentos | Porto Guitarra

**30.05 sábado**

18:00 sala suggia

### **ORQUESTRA PORTUGUESA DE GUITARRAS E BANDOLINS**

**Yamandu Costa** guitarra

**31.05 domingo**

21:00 sala suggia

### **BOMBINO**

**01.06 segunda-feira**

21:30 sala 2

### **FUTURE ROCKS 2026**

Alunos de escolas vocacionais de música

**02.06 terça-feira**

21:00 sala suggia

### **CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO**

Concerto final de ano letivo

promotor: Conservatório de Música do Porto

**06.06 sábado**

18:00 cibermúsica

### **APRESENTAÇÃO DO LIVRO**

**«PARTITURAS PARALELAS» DE BERNARDO MARIANO**

**Nuno Bettencourt Mendes** orador/apresentador

**Isaque Ferreira** recitante

**07.06 domingo**

17:00 ciber música

## **RESSONÂNCIAS: DO FILME AO CONCERTO**

Com Oliver Parr e Panayiotis Ioannou; moderação de André Quelhas

**07.06 domingo**

18:00 sala suggestia

## **FARINELLI**

**Orquestra Barroca Casa da Música**

**Huw Daniel** violino e direção artística

**Thomas Geerts** direção musical

**Gérard Corbiau** filme

Música de Gérard Corbiau, Riccardo Broschi, Georg Friedrich Haendel, Nicola Porpora e Johann Adolf Hasse

**07.06 domingo**

21:00 sala 2

## **TEORIA DAS CORDAS**

**Digitópia**

**João Diogo Leitão** guitarra clássica, viola braguesa

**Óscar Rodrigues** guitarras, eletrónica

**João Quintela** desenho de luz

**08.06 segunda-feira**

19:00 sala suggestia

## **CONCERTO ESCOLAR**

**ACADEMIA DE MÚSICA DE COSTA CABRAL**

promotor: Academia de Música de Costa Cabral

**09.06 terça-feira**

21:30 sala 2

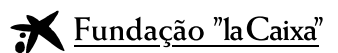
## **FUTURE ROCKS 2026**

Alunos de escolas vocacionais de música

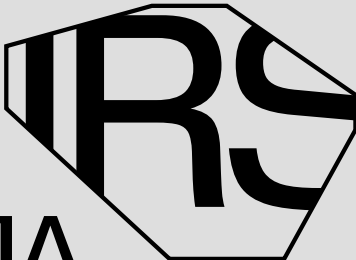
APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA



# 1% DO SEU POR UMA BOA CASA



**NIF 507 636 295**

## **PORQUÊ APOIAR?**

A Fundação Casa da Música, para além da excelência artística, desenvolve um trabalho continuado com crianças e jovens, comunidades, públicos em situação de vulnerabilidade e pessoas com necessidades específicas. Todos os anos, através do Serviço Educativo, chega a cerca de 50.000 participantes, promovendo o acesso à música, a criatividade e o bem-estar.

Com o seu apoio, a Casa da Música pode chegar a mais escolas e territórios, reforçar a inclusão e acessibilidade, alargar o acesso gratuito a concertos e atividades, apoiar jovens talentos e desenvolver novos projetos pedagógicos.

## **COMO CONSIGNAR 1% DO SEU IRS?**

No quadro 11 da Declaração Modelo 3 do IRS, seleccione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Se tem IRS Automático, no momento da confirmação assinale a caixa que indica que pretende consignar 1% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo não tem qualquer custo para si e não afeta o seu reembolso.

**O seu IRS faz a diferença. Juntos, levamos a música mais longe.**